

As negociações em Nova York: mais ou menos bem.

O ministro Maílson da Nóbrega pode até anunciar, otimista, que um acordo da dívida é iminente — como explicou, ontem, um importante banqueiro americano, acrescentando: "Só que os credores não estão mais com nenhuma pressa em fechá-lo".

Este banqueiro, que só falou com a garantia de anonimato, admitiu que "as negociações, em Nova York, estão realmente indo mais ou menos bem", descartando-se o problema de uma vinculação "informal" entre o pacote de médio prazo e um acordo com o FMI.

"Não queremos adiantar demais", continuou explicando. "Não queremos abrir uma brecha entre as negociações com o FMI, em Washington, e com os bancos internacionais, em Nova York."

O Jornal da Tarde ouviu outros três banqueiros ligados às negociações, ontem, checando o pessimismo que demonstravam na última terça-feira, e que contrastava com o otimismo do ministro Maílson da Nóbrega, anteontem, quando revelou que um telex-circular do FMI à comunidade financeira internacional, sobre o estado das negociações com o Brasil, poderia satisfazer os credores, permitindo o fechamento do pacote.

"Os bancos não querem só o telex do FMI", disse um deles. "Os bancos estão querendo assegurar-se de que o dinheiro que desembolsarão para o Brasil já não sairá desvalorizado, por falta de um programa sério de redução do déficit público. Querem uma garantia real."

Outro banqueiro, a quem o JT consultou sobre os progressos que justificam o otimismo do ministro Maílson da Nóbrega, comentou: "Isso tudo está de fato acontecendo. Mas é como ficarmos discutindo o número do sapato sem termos ainda o dinheiro para comprá-lo."

Linha dura

Uma fonte ligada ao governo norte-americano, também consultada ontem, desmentiu que o Banco Mundial pudesse desempenhar o papel de avalista do Brasil junto aos credores: "Os Estados Unidos já afirmaram, oficialmente, a sua oposição". Lembrou que o Grupo dos 7, o dos países industrializados, reunido no FMI, reiterou esta semana que o Plano Baker ainda é o único instrumento válido para tratar do problema da dívida. O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, é contra o alívio da dívida (embora tenha aberto uma exceção para o México, aceitando o princípio de que sua dívida não valia 100%), e a favor de dar mais dinheiro aos países endividados, examinando caso a caso.

"Não se quer passar o problema dos bancos para os governos", disse a fonte, acrescentando: "O ministro Maílson da Nóbrega deve estar um pouco decepcionado. O governo americano está adotando uma linha dura em relação ao Brasil: a de que os problemas brasileiros são uma consequência de distorções da economia doméstica".

O ministro Maílson da Nóbrega tem repetido, aqui em Washington, que está encontrando uma grande compreensão sobre a necessidade de se preservar as instituições democráticas no Brasil", contou a fonte ligada ao governo americano.

"Há um certo interesse em manter e fortalecer o sistema democrático no Brasil. Por isso, os Estados Unidos esperam ver a adoção de soluções de longo prazo. O governo norte-americano não pode agir para salvar o presidente José Sarney e sempre voltar ao mesmo problema de base", explicou.

O secretário de Estado, George Schultz, passou o problema do Brasil para o secretário do Tesouro, James Baker. E tanto dele, como também de banqueiros, o ministro Maílson da Nóbrega ouviu o comentário de que "as medidas adotadas de redução do déficit foram pequenas e tardias. Um passo tímido. O menos tímido que o presidente Sarney poderia dar. Ele não será suficiente para conter a inflação nem satisfazer as expectativas externas".

M.R.